

HAN, Clara. **Life in Debt**: Times of care and violence in Neoliberal Chile. Berkeley: University of California Press, 2012. 283p.

Nicolau Dela Bandera¹

USP

E-mail: nicolaudelabandera@gmail.com

Life in Debt é um livro de prender a respiração, como se diz em inglês. Trata-se de uma descrição extremamente sutil da vida cotidiana de um dos maiores bairros populares de Santiago, La Pincoya, originado das ocupações e mutirões realizados nos anos 1960 e 1970 pelos movimentos sociais de moradia no Chile. Clara Han realizou o trabalho de campo no local durante 36 meses entre 1999 e 2010. Sua escrita é marcada pelo poder das interpretações que seus interlocutores elaboram para uma vida que se equilibra entre a dignidade e a dívida, constantemente ameaçada pelas memórias da ditadura, os problemas de saúde, a violência do estado e entre parentes e a inconstância e precariedade das experiências no mercado de trabalho. A etnografia, por ter sido conduzida durante uma década, consegue descrever como certos processos mais amplos na sociedade chilena – como a instituição da comissão da verdade e as políticas de reparação às vítimas de tortura, as políticas de saúde mental, a expansão da oferta de crédito para as camadas populares – afetam a vida cotidiana das famílias pesquisadas, criando “momentos críticos” vivenciados por aqueles que são diagnosticados com depressão e/ou cujos filhos se envolveram com drogas após dívidas crescentes e sucessivas frustrações no mercado de trabalho.

Para o leitor brasileiro, a descrição das casas em La Pincoya soa familiar. As casas foram construídas em mutirão depois da ocupação (*las tomas*) de áreas na periferia de Santiago. Elas foram constante-

mente reparadas e renovadas, algumas adquirindo “puxadinhos” (*mediaguas*) no fundo do terreno da casa original. Os filhos adultos, quando se casam e passam a constituir suas próprias famílias, moram nas *mediaguas* construídas no terreno de seus pais enquanto poupam dinheiro para poder pleitear formas de financiamento da casa própria. A casa descrita na etnografia de Han realça as obrigações do parentesco. As pessoas em La Pincoya falam de *casas de sangue* como o espaço das relações de intimidade. As obrigações do parentesco são descritas como um “compromisso com a casa”, expresso, por exemplo, na ajuda econômica para mantê-la e reformá-la constantemente. As mulheres ficam satisfeitas ao verem que seus maridos e filhos são “caseiros” mais do que “rueiros”, ou seja, eles preferem despende seu tempo, trabalho, dinheiro e atenção na manutenção, incremento e construção desse espaço de relações carregado de intimidade. Isso não significa, contudo, que a casa seja um espaço completamente construído como um refúgio em relação às forças externas e perigosas da rua. Em seu interior, situações de violência constante entre seus moradores, e também na relação com o estado, podem colocar em xeque a própria ideia de intimidade. Especialmente o endividamento alça as relações internas entre os moradores da casa em direção a seu exterior, as relações com os amigos e vizinhos.

Han demonstra que o endividamento das famílias é a preocupação central de muitas famílias em La Pincoya e que a dívida não pode ser apreendida no cotidiano apenas a partir de sua dimensão econômica. A etnografia explicita as relações que sustentam julgamentos e avaliações morais sobre o caráter das pessoas e famílias que entram em cena nas negociações de dívidas e nas solicitações veladas de ajuda e empréstimo. Dizer que uma pessoa é “caloteira”, que não cumpre com sua palavra e não paga no tempo devido os empréstimos construídos entre amigos e as compras realizadas no comércio local, é uma das acusações mais graves que se pode fazer. A notícia de que alguém é um “mau pagador” espalha-se como um rastilho de pólvora pela vizinhança. Além disso, o estigma do “endividado” estende-se por toda a família. Ainda que a experiência do endividamento seja registrada individualmente nas agências que administram as informações sobre os “bons e maus

pagadores”, as pessoas vivenciam o endividamento como coletivo: “estamos negativados no DICOM” (equivalente chileno ao Serasa e SPC brasileiros). Em algumas casas, o endividamento é agravado quando algum familiar se “envolve com drogas”, especialmente o crack, e passa a vender os móveis e eletrodomésticos da família. A autora descreve a situação de Dona Flora, cuja filha e genro se tornaram usuários de crack e venderam os móveis da casa que ainda estavam sendo pagos pelo crediário concedido por uma loja de departamento.

O fenômeno do aumento do crédito nas classes populares tem se tornado um recurso dentro de um contexto de salários instáveis, assim como da privatização de serviços públicos no Chile. Segundo a autora, cobrir os gastos com as necessidades básicas por meio do crédito – como as mensalidades das escolas e universidades, os seguros de saúde, a compra de alimentos e medicamentos, a compra de móveis e eletrodomésticos – tornou-se nas últimas décadas um fenômeno ubíquo no Chile. Muitas análises desse fenômeno, contudo, quer tenham como ponto de partida, ou ponto de chegada, o que poderíamos chamar de “macroeconomia do endividamento”, não desvendam como as pessoas interagem no dia a dia com essa nova economia onde o crédito e, no outro lado da mesma moeda, o endividamento tendem a se espalhar.

Na descrição dessa experiência cotidiana da dívida em La Pincoya, tudo se passa como se a imagem de si do endividado pudesse arruinar sua imagem na vizinhança como uma pessoa decente, que consegue pagar suas contas no fim do mês. Para evitar dilacerar a imagem do outro ao explicitar que a pessoa passa por um “momento crítico”, a pessoa que ajuda o endividado realiza uma espécie de “simulação da dádiva”. O parente ou o bom amigo difere daquele que é apenas um vizinho justamente por “pegar no ar” a dificuldade econômica. O amigo ou parente ajuda sem explicitar que a outra pessoa precisa de ajuda, que ela passa por um “momento crítico” de endividamento, em alguns casos com risco de perder a casa própria, o bem mais importante e valorizado. Há uma performance da dádiva, com vistas a esconder tanto o próprio ato da dádiva quanto o fato do doador ter “pego no ar” o “momento crítico” vivenciado por quem recebe a doação.

Sobressai na descrição da autora uma etiqueta de como viver de maneira quieta um “momento crítico”, sem sair pelas ruas

“mendigando”, expondo a si e a sua família. A pessoa que mendiga explicita a falência das relações de intimidade entre parentes e amigos que deveriam fornecer ajuda sem alardear. Há vários modos indiretos e sutis pelos quais as mulheres percebem o “momento crítico” vivenciado pelos vizinhos, como, por exemplo, a visita de um cobrador da loja de departamento (que pode tomar alguns objetos da casa se a pessoa não pagar a dívida), o corte da luz da casa, as brigas domésticas entre o casal sobre as contas, o choro de uma criança com fome. Os amigos precisam, portanto, esconder que sabem, e também que seu ato é um ato de ajuda ou doação, para não ofender e humilhar aquele que a recebe. Nesse sentido, a ajuda irá transparecer como algo casual: uma vizinha oferece ajuda para cuidar da criança da família em dificuldade enquanto a mãe sai de casa para procurar emprego, ou ainda uma informação sobre uma empresa que está contratando funcionários é transmitida enquanto as mulheres costuram na garagem da casa, em uma conversa descontraída, sem tocar no assunto delicado dos problemas financeiros da casa.

As pessoas lutam para “viver com dignidade”, ou seja, chegar ao fim do mês sem dívida e com as contas pagas. Contudo, quando isso não ocorre, a dignidade é colocada em xeque, especialmente quando a rede de ajuda mútua no bairro, e o Estado, não são capazes de fornecer ajuda financeira necessária. Tal dignidade é confrontada, por exemplo, quando assistentes sociais do Estado visitam as casas para avaliar se a família pode ser classificada como “pobre” e ser assistida pelos programas de renda mínima. Certos objetos materiais específicos são utilizados para estabelecer uma pontuação que classificará as famílias: se na casa há televisão, máquina de lavar roupa, geladeira e assim por diante, a família é qualificada (ou não) como público-alvo dessas políticas. Valentina, uma moradora de La Pincoya, afirma: “Mas eles não entendem que a compra dessa televisão (de 29 polegadas) foi um sacrifício. Nós compramos quando ele estava trabalhando duro, fazendo hora extra, pois nós queríamos ela. E, agora, que estamos em dificuldade, o que nós podemos fazer? Esconder a TV na casa de amigos, ou debaixo da mesa, tal como alguns aqui no bairro fazem para mostrar que nós somos pobres? Isso é má vontade!”. (Han, 2012, p. 63, tradução nossa)

Nas relações de vizinhança há soluções distintas para as dificuldades financeiras vivenciadas pelos moradores. A autora descreve o interessante sistema das *pollas* (literalmente galinhas, mas que remete também à loteria nacional no Chile), ou seja, associações informais de mulheres que organizam um sistema de crédito rotativo na comunidade. Por volta de 12 mulheres se associam, e a cada mês elas têm que contribuir com 5.000 pesos (por volta de 20 reais) para a associação. O total arrecadado no mês é sorteado e entregue a uma das associadas, que pode comprar um item que fugiria do orçamento familiar. Para entrar na *polla*, a líder da associação consulta comerciantes e vizinhos para saber se aquela pessoa é uma “boa ou má pagadora”. Contudo, devido à etiqueta de não explicitar o “momento crítico”, a líder não poderá negar a entrada de uma mulher na *polla* dizendo “na cara da pessoa”: “você é uma caloteira, por isso não pode entrar”. Esse comportamento viola a etiqueta local, especialmente quando direcionado a pessoas que são vizinhos ou parentes. Segundo a líder de uma *polla*, é necessário trabalhar com desculpas e evasivas, dizendo, por exemplo, que não há mais vagas.

Han demonstra como os efeitos da fofoca penetram as incertezas em relação aos sentimentos dos vizinhos pelos outros, colorindo as relações com uma profunda ambivalência. As motivações dos agentes não são transparentes. As evasivas, tal como nesse caso da recusa à entrada de uma “caloteira” na *polla*, combinadas com a cortesia das relações face-a-face, são expressas no que muitos em La Pincoya chamam de duplo sentido da vida cotidiana. Uma das questões centrais da autora refere-se, justamente, a entender como a gentileza e a ajuda mútua podem surgir em um contexto onde as pessoas não têm acesso transparente às intenções dos outros. Como vimos, essa etiqueta de “aguentar em silêncio os momentos críticos” e “pegar no ar as dificuldades” conforma uma lógica de sociabilidade em que a dádiva não transparece como doação ou ajuda deliberada.

A autora ainda explicita a economia do local por meio da descrição da troca de medicamentos realizada entre moradores, farmacêuticos e comerciantes locais. Nas pequenas mercearias que funcionam nas garagens das casas há quase sempre uma caixa de sapato com

medicamentos que foram comprados de moradores ou que a própria comerciante salvou de receitas médicas anteriores prescritas para ela mesma. Esses medicamentos entram novamente em circulação e são usados, sobretudo, pelas pessoas que “pegaram depressão” no bairro em função, sobretudo, do endividamento. Nas palavras de uma das interlocutoras de Han: “Eu não conseguia sair da cama. As dívidas, elas não me deixavam sair da cama. Eu acordava de manhã e a primeira coisa que pensava era sobre as dívidas. Meu corpo estava preso à cama. Então Jorge me levou ao centro médico e eles me diagnosticaram com depressão. E então eu comecei a tomar as pílulas” (Han, 2012, p. 207, tradução nossa). As pílulas, na visão dos moradores, são fontes de ânimo, energia para conseguir enfrentar os “momentos críticos”.

Além da discussão sobre o endividamento das famílias em La Pincoya, a autora retrata como o passado da violência praticada pela ditadura chilena ainda está vivo no bairro, não somente como memória, mas, sobretudo, como uma experiência vivida no presente: “a ditadura ainda não acabou”; “ainda sou torturada”, frases que foram proferidas por alguns dos interlocutores de Han. Leticia, por exemplo, foi uma militante exilada na Argentina durante os anos 1980, deixando em La Pincoya seus três filhos e o ex-marido. Ao voltar para o Chile no começo dos anos 1990, Leticia vivenciou a rejeição dos filhos, que interpretam o exílio da mãe como abandono, e não como sacrifício, tal como, segundo a autora, tende a ocorrer nas descrições dos pais que foram militantes exilados. O exílio e a militância fizeram incerta a experiência de maternidade de Leticia perante seus próprios olhos: um sentimento de culpa e remorso é expresso na autobiografia que ela escreveu e entregou para Han. Sua casa é vista como um ambiente tenso – enfeitado, nas palavras da filha de Leticia –, tal feitiço é produzido pelas brigas constantes entre os filhos e a mãe.

Por vezes, a análise de Han produz certos curtos-circuitos ao descer abruptamente da descrição dos processos mais abrangentes de transformação social da sociedade chilena – o neoliberalismo e a privatização dos serviços públicos (educação, saúde, telefonia etc.), os programas de saúde mental pós-ditadora, a instauração das comissões da verdade e de programas de reparação às vítimas de tortura – à des-

crição das narrativas e experiências vivenciadas pelos moradores de La Pincoya. O leitor fica com a impressão de que tais processos mais amplos fornecem o contexto e o pano de fundo para as experiências e ações dos moradores em La Pincoya, enfraquecendo a proposta da autora de tentar entrelaçar tais processos com a vida cotidiana.

De toda forma, o livro vale a pena ser lido pela forma como a dívida, a depressão, a violência estatal e a ausência de estabilidade no mercado de trabalho são descritos na etnografia de Han a partir das interpretações e estratégias que os moradores de La Pincoya realizam no dia a dia. O que sobressai na análise fina realizada pela autora é a força das relações entre parentes e vizinhos no local que pode tanto oferecer suporte na forma da gentileza de um amigo ou parente que não transparece como doação em um momento crítico quanto estimular a repulsa em relação à mãe exilada que teve de se afastar dos filhos. O livro de Han abre muitas possibilidades de comparação com os estudos antropológicos sobre as relações de parentesco nas classes populares nas grandes cidades brasileiras. Há muitos pontos em comum, assim como diferenças, entre o caso brasileiro e o chileno que podem se iluminar reciprocamente.

Notas

¹Recebido em 26/11/2014

Aceito em 3/12/2014